

instituição

Jornadas de Comunicação

A política dos media

Olhar para a relação entre a comunicação social e a política, analisar todo um conjunto de problemáticas inerentes a esta ligação e tentar encontrar algumas respostas para os fenómenos que ocorrem no seio destes dois sistemas foram alguns dos passos dados nos dias 10 e 11 de Dezembro. José Pacheco Pereira e Enric Saperas foram os nomes mais sonantes de entre um conjunto vasto de investigadores que se reuniram na UBI.

Eduardo Alves

O prazer e a felicidade, o humor e o ócio são características "cada vez mais transmitidas pela comunicação", diz José Pacheco Pereira. O político, o escritor, o autor do blogue "Abrupto" veio até à UBI tentar responder a alguns dos desafios mais prementes que o fenómeno comunicacional tem colocado. Na óptica de Pacheco Pereira, a escola não devia só ensinar a ler, escrever e contar, mas também "a ver televisão". Uma tese que este professor do ISCTE diz ser a que mais se coaduna com os dias de hoje.

Este sensacionalismo que impera nos media actuais faz com que o discurso político seja cada vez mais "assassino, mais incendiário". O verdadeiro debate, a discussão retórica das ideias "fica cada vez mais à margem dos padrões de informação que se registam nos nossos dias". Pacheco Pereira lembra que "os políticos de hoje já aprenderam a falar em tom de espectacularidade mediática". Como o público "vota através da televisão", torna-se quase impossível e é cada vez mais raro, "o político que tome decisões impopulares". O autor do blogue Abrupto refere que "a democracia é isso mesmo, é a capacidade de tomar decisões que nem sempre agradam". Neste emaranhado de decisões e acções, onde os líderes políticos são escolhidos "pela sua capacidade mediática de ganhar eleições", os media são cada vez mais apetecíveis para os políticos.

Democracia torna-se demagogia

Outro dos convidados a participar nestas jornadas de comunicação e política, promovidas pelo Departamento de Comunicação e Artes foi o investigador Enric Saperas. Com um vasto leque de obras publicadas na área da comunicação, este professor espanhol falou no caso do 11 de Março. Actualmente, e depois de alguns acontecimentos produzidos pela classe política, "o povo espanhol desconfia, continuamente, do discurso mediático". Segundo este docente, que se encontra a meio de um estudo sobre a credibilidade dos telejornais, "toda a gente passou a olhar para as notícias apresentadas pelas cadeias televisivas, como uma espécie de mentira disfarçada". A mensagem que sai dos televisores, dos rádios, dos jornais, "não é de confiança".

Ao contrário de Portugal, onde Pacheco Pereira diz estar a viver-



Um momento do debate enriquecido pela presença de Pacheco Pereira

se "uma demagogia", no país vizinho, "o discurso político, por força dos media, está a mudar". Esta demagogia, explica o professor do ISCTE, "deriva de uma série de decisões políticas importantes que são tomadas por pessoas que não o Governo, ou um conjunto de disfarces utilizados pelos políticos, para tentar iludir os eleitores". A democracia das decisões difíceis e impopulares, "deu lugar uma demagogia, onde tudo corre bem e onde não existem dificuldades", remata Pacheco Pereira.

Saperas explica o fenómeno de relação entre estes dois campos sociais, através do exemplo do aparelho democrático. Este docente espanhol veio até à UBI dizer que "hoje, a maior oposição dos políticos no Governo, são os media". Os media devem funcionar "como mecanismos de controlo dos políticos", mas a má utilização destes levou a que sejam mais do que isso.

Novos meios trazem boas perspectivas

Num encontro marcado pela troca de ideia e de teorias, deu-se grande destaque a um novo fenómeno comunicacional. Os blogues, que têm vindo a registar um índice de crescimento assinalável, tiveram direito a uma sessão. João Canavilhas, docente na UBI explica que "a política esteve, desde o primeiro momento, ligada aos blogues". Segundo este investigador, "os blogues mais conhecidos e que hoje registam maior número de visitas estão relacionados com o humor e com política". Esta mescla dá um toque muito especial a estas páginas pessoais da Internet, nas quais, Pacheco Pereira diz "estar a renascer uma nova forma de debate". Para

o autor de um dos mais conhecidos espaços cibernauticos, o blogue "Abrupto", "este tipo de comunicação representa uma melhoria qualitativa e quantitativa do espaço público". Nestas páginas pessoais, na sua maioria mantidas sobre a forma de diários, "favorece-se a proclamação de uma opinião", diz Pacheco Pereira. Esta "forma cronológica de ver o mundo" tem levado a um debate "mais aprofundado e mais equilibrado" das questões políticas. O autor de "Abrupto" mostra-se bastante confiante em relação aos blogues e diz mesmo que estes podem ser os pilares de uma "democracia comunicativa".

UBI pode ter rede europeia de comunicação

João Carlos Correia foi o docente responsável pela organização deste encontro. Durante um fim-de-semana debateu-se a relação entre a política e a comunicação e foram apontadas algumas das possíveis conclusões de um estudo "que se quer vasto". O docente da UBI lembra que "em Portugal, verifica-se a ausência de uma área de investigação que especificamente assuma a problemática da comunicação e política". Este encontro serviu também, "para lançar os primeiros passos no cruzamento destas áreas". As próximas acções vão no sentido de "promover o intercâmbio entre investigadores portugueses e outros congéneres estrangeiros". Daí que a criação de uma rede europeia de estudos de comunicação e política "tenha sido abordada" ao longo do encontro. Uma ideia que os responsáveis da UBI pretendem desenvolver a curto prazo.

ponto de vista



Resistir à mudança

> Ana Maria Fonseca

"Quem mexeu no meu queijo?" é o pior livro que já li. Que me perdoe o Spencer Johnson – o americano que se deve estar a marimbar para a minha humilde opinião, pois a esta altura estará milionário com os milhões de exemplares vendidos por todo o mundo - e vocês que o compraram e o adoram e já o leram 10 vezes.

Lê-se em cerca de meia hora, a casa de banho é o local mais indicado, e parece uma história para crianças idiotas, de tal maneira é excessiva e aborrecidamente descritivo. Depois de o ler, nunca mais o esqueci. Ficou no meu "top ten" de "como é possível uma 'peça' desta índole ser apreciada por tantas pessoas". Mais ou menos como aquela música pop que não pára de passar na rádio e que já não conseguimos – nem nunca suportámos – ouvir.

É um livro do âmbito daqueles tão apreciados nos E.U.A., os chamados de auto-ajuda, ou auto-evolução, ou auto-alguma coisa que me faça ser melhor e dar asas à minha ambição de chegar algures se possível ao topo de um enorme e espeloso arranha-céus novaiorquino.

A única ténue ponta de interesse deste livro reside na sua moral da história. Quis deixar aqui este contributo para que vós, os que ainda podem viver sem a contaminação de tal livro, induzidos pelas dezenas de conhecidos que o leram e adoraram – sim, também conheço alguns – não caiam no erro de o adquirir ou sequer pedir emprestado (a não ser que tenham esgotado a literatura de wc lá de casa). A moral da história fala de resistência à mudança. Um tema de vasto interesse nos tempos que correm. O mundo está em mudança, o País também, a UBI, todas as universidades, e eu.

Na UBI, que me acolheu e teve a cargo a minha formação e experiência profissional nos últimos sete anos, ainda há muita resistência à mudança.

No âmbito da minha actividade profissional, tive oportunidade de contactar com inúmeras pessoas que compõem esta instituição. Desde os que estão aqui desde o início, e que pelo discurso parece que construíram a UBI tijolo a tijolo, com as próprias mãos, aos mais recentes afeccionados, que aqui encontram o melhor local, longe dos grandes centros, para desenvolver o seu trabalho. Claro que esta opinião persiste até terem de tratar de qualquer assunto, avançar com qualquer projecto. A burocracia é o primeiro alvo a abater, e não vale a pena dizer que em Portugal somos todos assim, porque se queremos afirmar-nos pela diferença, não podemos seguir padrões obsoletos. Para que as pessoas não percam a vontade de fazer, há-que agilizar os processos.

No meu computador, em pastas já bolorentas de esperar por um "sim, pode avançar", dormem vários projectos que ficaram a meio.

Outro aspecto prende-se com a massa cinzenta que diariamente deambula pela instituição. Em que outro local, senão numa universidade, há tantas mentes frescas, ávidas de aprender, mas também já com ideias e conhecimento do que de mais novo está a acontecer em variados campos? E porque é que se aproveita tão pouco essas cabecinhas, essas diferentes sensibilidades que podem cruzar-se, residindo a maior preocupação em enchê-las de fórmulas que depois talvez nem tenham oportunidade de usar?

Como muitos milhares de jovens que todos os anos entram para o ensino superior com uma expectativa, também eu entrei. E como muitos, também escolhi a minha profissão de coração (não para fugir a qualquer disciplina, como muitos gostam de apontar aos insistentes das Sociais e Humanas e das Letras). Como muitos, gostaria de viver da profissão que escolhi, o que é cada vez mais difícil. É por isso que se torna indispensável mudar e não ter medo dessa mudança. Mudar de cidade, de trabalho, de área, e, principalmente, de abordagem.

Para todos os que vivem, trabalham e estudam em torno da UBI desejo que resistam à mudança. Por um lado, a humildade de perceber que ainda há muito a fazer pela sua afirmação no exterior, mas também, no seu funcionamento interno. Por outro lado, desejo a coragem para abraçar novas ideias e projectos dos mais variados quadrantes – inovar, sem se colar ao que já foi feito e se sabe que resulta – arriscar, sem se prender à ideia de que 'isto aqui toda a vida se fez assim'. Porque considero que o maior risco que a UBI corre neste momento, em que brilha já pelas suas qualidades e excelências, é deixar-se prender a um espírito provinciano e de curtos horizontes – a que, apesar de tudo, ainda se encontra ligada geográfica e culturalmente – resistindo à inovação, à mudança. Afirmar pela diferença é também mudar.